

A Travessia do Boi: as brincadeiras na cultura popular brasileira

The Ox Crossing: the jokes in Brazilian popular culture

Clarissa Campello

Atriz, cenógrafa, cineasta e webdesigner. Possui Bacharelado em Artes Cênicas pela UFRJ. Mestra em Estudos do Teatro pela Universidade do Porto / Portugal. Doutoranda em Arts de la Scène na Université de Franche-Comté / Besançon, França.

Pablo Santana

Roteirista, editor, produtor e cineasta documentarista. Especialista em Filosofia Política pela Universidade do Minho/Portugal. Mestrando em Filosofia na Université de Paris VIII/ em Saint-Denis, França.

Resumo: Este ensaio se propõe divagar sobre a importância da figura do Boi na cultura popular brasileira, fazendo um breve relato da sua travessia atlântica, do culto a sua figura no decorrer da história cultural brasileira. De fato a sua presença marcante desde a nossa tenra infância produziu a força motriz que nos levou a abordar a figura do boi presente nas mais diversas formas de expressão cultural no Brasil de norte a sul, com suas raízes européias, sem descuidar de suas influências indígenas e africanas.

Palavras-Chave: Bumba-meu-boi; Boi-Bumbá; Travessia; Folguedos; Nordeste; Amazônia.

Abstract: This essay proposes to ramble on the importance of the Ox figure in Brazilian popular culture, giving a brief account of its Atlantic crossing, the cult of its figure in the course of Brazilian cultural history. In fact, its remarkable presence since our early childhood produced the driving force that led us to approach the figure of the ox present in the most diverse forms of cultural expression in Brazil from north to south, with its European roots, without neglecting its indigenous influences and African countries.

Keywords: Bumba-meu-boi; Boi-Bumbá; Crossing; Folguedos; Northeast; Amazon.

«Lá vem meu boi urrando,
subindo vaquejador
Deu um urro na porteira,
meu vaqueiro se espantou
E o gado da fazenda com isto se levantou
Urrou, urrou, urrou, urrou
Meu novilho brasileiro que a natureza criou
(...)» Bumba-meu-boi
de Pindaré

Há muito tempo que gostaríamos de nos dedicar para escrever sobre a importância do boi nas brincadeiras de folguedos no Brasil. Na nossa infância cantávamos as cantigas de roda com a presença do boi e também nas canções de ninar (boi boi boi, boi da cara preta, pega esta menina que tem medo de careta).

A figura do Boi perpassa por várias tradições de festas populares e está presente no *Coco de Roda*, na *Literatura de Cordel*, no *Maracatu*, no *Cavalo Marinho*¹, no *Bumba-meu-Boi*² e no *Teatro de Bonecos*. Estas tradições são transmitidas pela história oral de várias gerações e está presente no nosso calendário de festividades de norte a sul do país.

A presença do boi esteve latente em nosso olhar curioso desde o nosso último trabalho realizado através de um filme documentário³ sobre o *Mamulengo*⁴, o

¹ O *Cavalo Marinho* é um folguedo cênico brasileiro, típico da Zona da Mata de Pernambuco. É festejado durante os festejos natalinos. Apresentam performances dramáticas, musicais e coreográficas. Apresentam cenas do cotidiano e do trabalho rural, com repertório musical, danças, rituais, linguagem corporal, personagens mascarados e bichos, como o boi e o cavalo.

² Segundo Hermilo, *Bumba-meu-Boi* (Borba Filho, 1982:5): “auto ou drama pastoril ligado à forma de teatro hierática das festas de Natal e Reis, o Bumba-meu-Boi é o mais puro dos espetáculos populares nordestinos, pois embora nele se notem algumas influências europeias, sua estrutura, seus assuntos, seus tipos e a música são essencialmente brasileiros.

³ Documentário «MAMULENGOS: The Hands That Play» (2015). Projetado, editado e co-dirigido de forma independente e em parceria, o filme trata das relações culturais e estéticas do teatro de marionetas de Mamulengo (Pernambuco, Brasil). Premiado no 1ST WORLD FOLK FILM CONTEST na categoria Documentário Geral, organizado pelo Museu Nacional do Folclore da Coreia do Sul (2017).

⁴ A mais antiga referência do termo *Mamulengo* é datada de 1889, e está em um verbete no *Dicionário de Vocábulos Brasileiros* do Visconde Beaurapaire Rohan, que transcrevo de Borba Filho (1987: 68): “Espécie de divertimento popular que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em algum palco alguma coisa elevado. Por detrás de uma empanada escondem-se, uma ou duas pessoas adestradas, e fazem que os bonecos se exibam com movimentos e fala. Tem lugar por ocasião das festividades de Igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo aplaude e se deleita com essa distração, recompensando seus autores com pequenas dádivas pecuniárias. Os mamulengos entre nós são mais ou menos o que os franceses chamam de marionette ou polichinelle. Em outras províncias, como no

Teatro de Bonecos do estado de Pernambuco.

Durante o período colonial, Pernambuco se destacava entre as capitanias mais fortes do Brasil. Por lá chegaram os africanos, os europeus, e podemos imaginar que também se introduziu as primeiras cabeças de gado. Apenas trinta e quatro anos depois da ocupação portuguesa, o primeiro lote de gado já chegava de Cabo Verde. E, claro, não se demorou muito para que o boi tornasse importantíssimo para a lida local.

Não somente a presença do Boi atravessava os mares, mas também os seus brincantes. Podemos imaginar as brincadeiras que vinham juntas nos convés do navio, as tradicionais touradas se transmutavam em se vestir de boi, seja através de vestimenta ou através da marioneta. O Mestre Chico Simões⁵ nos conta através de entrevista concedida para nós na cidade de Glória do Goitá em Pernambuco em 2015:

[...] Porque os bonequeiros sempre viajaram muito, as fronteiras não fomos nós que inventamos. As fronteiras foram sempre dos Estados, dos Governos. Quem viaja e quem brinca não reconhece estas fronteiras. Então na estrutura dramática ele tem uma coisa que é universal no teatro de bonecos. [...] O que eu pude ver quando estive em Portugal [...] os arquivos mostravam que durante a Semana Santa existiam apresentações teatrais, não diretamente com bonecos [...] durante a procissão da Semana Santa, soltavam os touros... As touradas... Mas dentro dos navios repetiam-se as manifestações, mas na impossibilidade de se soltar um touro, os marinheiros construía os touros [...] um marinheiro vestido de touro (feitas de cesta de vime) saiam atrás dos outros pelo navio, fazendo a brincadeira, dando chifrada... [...] é só juntar com os africanos, nos seus batuques, pronto, temos uma brincadeira de boi. Uma maneira de transpor do teatro de atores para o teatro de bonecos.

Pernambuco se desenvolveu em prol da cultura da cana de açúcar, principalmente na Zona da Mata⁶ (localizado no agreste do estado). É tradicionalmente uma região rural, na qual as presenças dos folguedos refletem a realidade dos seus habitantes. Tanto a nível social, como político e econômico. O Boi é a figura central

Ceará e Piauí, dão a esse divertimento a denominação de ‘Presepe de Calungas de Sombra’. Aí os bonecos são representados por sombra, e remontam-se à história da criação do mundo. Na Bahia dão aos mamulengos o nome de Presepe e representam grotescamente os personagens mais salientes do Gênesis”.

⁵ Francisco Simões de O. Neto criou o *Mamulengo Presepada*. Apresenta uma mistura de bonecos babau (origem de natal) com Mamulengo (pela sua influência com mestres mamulengueiros e a origem de sua família ser proveniente do estado de Pernambuco. Foi criado em Brasília (são chamados de Calungas – nordestinos que foram para Brasília no período de construção da cidade que viria a ser Distrito Federal).

⁶ A *Zona da Mata* pernambucana é uma mesorregião formada pela união de 43 municípios distribuídos em três microregiões.

pelo nível de importância no dia a dia do trabalhador rural:

O (Boi) está relacionado aos anseios pastoris das populações rurais da zona mística nordestina. Quase se poderia dizer que são totens, ligados ao povo pelo sangue e por uma ideia quase mística, estabelecendo uma identidade entre o homem e o animal. [...] o boi ajuda no trabalho e fortalece a carne (Borba Filho, 1987:233).

No *Mamulengo*, o Teatro de Bonecos da Zona da Mata de Pernambuco, a figura do Boi é o fechamento do espetáculo. O espetáculo é realizado por mestres da região, de maioria agricultores e pecuaristas, que aprenderam o ofício de brincante com o seu pai, ou foi aprendiz de um grande mestre da região. Tradicionalmente, este espetáculo dura muitas horas, por vezes a noite inteira e termina pela manhã. A passagem⁷ do boi avisa ao espectador que o espetáculo está terminando, pois o dia já está raiando e avisa que a hora da lavoura está para começar. Esta passagem ocorre às 5 da manhã quando o sol nasce (todos os personagens do *Mamulengo* têm uma hora da noite para aparecer e seguir uma lógica dramaturgica).

O mesmo acontece nas apresentações do *Cavalo Marinho*. Infelizmente hoje em dia as apresentações já não duram mais a noite inteira, são as dinâmicas dos folguedos que vão se modificando com o decorrer dos anos.

A seguir um exemplo de uma toada feita pelo Mestre Zé de Vina⁸, transcrita pela pesquisadora Adriana Schneider Alcure. Na história, O Pelejão é um vaqueiro que vem montado numa Burra e tenta cercar o Boi junto do Mendonça:

Eu vou dar meu liamento / que é da minha obrigação / eu vou dar meu liamento / que é da minha pelação / Oi, Pelejão, Pelejão / vaqueiro véio do sertão / Pelejão / Pelejão / véio do sertão”. Pelejão também gosta de apostar e dizer loas: “Mateus, boa noite! Mateus bom dia! Boa hora e boa chegada! Bom dia, moça solteira! Bom dia, as mulher casada! Bom dia, os menino safado, tudo de barriga inchada! Mateus, me diga uma coisa, está vendo eu, vim brincando, farrando e me divertindo! Tenho esse Cavallo. Tenho essa Burra. Tenho essa Baiana. Pra brincar e divertir e apostar. Mateus, mande tocar o baiano que eu quero me arretirar!

⁷ O espetáculo é constituído por música, cantorias, danças, loas e passagens. Denominamos *Passagem* uma cena composta de enredo (ação dramática) e tem a função de suporte dramaturgico. A partir destas passagens, o mestre se utiliza de improvisos. Por sua vez, as passagens são entremeadas pelas loas ou glosas de aguardente que são ditas pelos personagens através da narrativa para se apresentar ou para comentar situações. São versos recitados em entonação de louvor. Por vezes as partes narradas em recitativo podem substituir totalmente os diálogos.

⁸ José Severino dos Santos nasceu no sítio Queceque, em Glória do Goitá, no dia 14 de março de 1940. Criou a companhia *O Mamulengo Teatro do Riso* que estreou no dia 2 de dezembro de 1982, na festa de Nossa Senhora da Conceição, em Glória do Goitá, tendo como mestres Zé Sales, Zé da Banana, Zé de Vina e o próprio Zé Lopes.

As Baianas – na verdade, do grupo das Quitérias – compõem a cena rodando suas saias enquanto o Boi se apresenta. Durante o bailado toca-se o baiano do Boi:

“Baiana, eu vou embora / que a hora chegada está / esse é o meu bezerro / que você via falar / quem quiser ser mais do que é / fica pior do que está / estou brincando / estou farrando / meu Boi já mudou de tom / bumbeiro, rebola o bombo / que esse Boi é bom / de manhã esse Boi é bom / de manhã / esse Boi é bom”. Participam ainda o Mendonça e o Viva, que são uma espécie de vaqueiros (*apud* Alcure, 2007)

Segundo o Mestre Zé de Vina em entrevista para nós, a figura do boi aparece em espetáculos de Mamulengo Completo⁹, onde todos os principais personagens contracenam. É no clímax da história que o Boi aparece junto com a burrinha onde começam a brigar e é aí que se inicia o esclarecimento dos conflitos desenrolados pelos personagens. O Mestre Zé de Vina conta-nos:

[...] aí nos tira a toada, [...] a burra ganha uma vez (do Boi), ganha duas e na de três ela fica acuada, amuada, não sai e o cabra diz: oh burra danada, cachorra da gota, o que é que tu tem que tá aí toda acuada? O que foi que você viu? Aí vamos descobrir na passagem coisa que o Fragazão faz, que o Fragazão usou, que o Fragazão disse, [...] se foi o Chico, estas coisas... A gente bota (os fatos) tudinho na hora da burra. Nós enverga ela, molha a orelha dela, e se dana no meio do mundo: “dissesse que vinha ontem cachorra da muléstia, como tu chegasse hoje? Por que tu não viesse ontem? [...] e a gente continua [...] até que o boi vence e aí é uma alegria. Aí a gente diz: ó Mateus! Nunca vi amansar boi que nem barra de saia de mulher de manhã¹⁰.



Mestre Zé de Vina e o Boi (confeccionado pelo artista plástico Maurício Bonequeiro). Entrevista con-

⁹ No trabalho de campo em Pernambuco, entrevistando artistas, pesquisadores e produtores, diz-se que uma apresentação do “Mamulengo completo” tem em torno de oito horas consecutivas. O repertório de *passagens* é longo e diversificado.

¹⁰ Entrevista concedida pelo Mestre Zé de Vina em sua casa em fevereiro de 2015 na cidade de Glória do Goitá - PE.

cedida pelo Mestre Zé de Vina em sua casa em fevereiro de 2015 na cidade de Glória do Goitá – PE.¹¹

O Boi está igualmente presente na *Literatura de Cordel*. As histórias retratadas advêm da história oral. Ao contrário da *Literatura de Cordel* em Portugal que são adaptações de histórias de textos clássicos e direcionado para a classe letrada da sociedade, a *Literatura de Cordel* nordestina é vendida nas feiras e contam anedotas do dia a dia, assim como lendas, sátiras, aventuras e romances. Esta mistura de elementos rurais resulta em um texto coloquial simples com versos ritmados e alegres. Prontos para serem lidos no período de descanso do trabalhador. Esta justaposição de elementos torna a *Literatura de Cordel* nordestina uma rica narrativa só vista no nordeste brasileiro.

Vejamos um enxerto da história «Joel e o boi mandigueiro» autoria de Valentim Martins Quaresma Neto:

E o tal boi surubim
 Era difícil ser visto
 Quando Joel aboiava
 E o chamava pro serviço,
 Ele logo aparecia,
 Escavacava, mugia
 O misterioso bicho.
 De todas as vaquejadas
 Esse boi participou
 As pessoas perguntavam
 Qual vaqueiro lhe pegou
 E a resposta era igual
 Naquele forte animal
 Ainda ninguém tocou...

Espalhou-se no Sertão
 O boato dos vaqueiros:
 -No rebanho de seu Zé
 Tem um novilho ligeiro,
 Corre sem pisar no chão,
 Ninguém lhe botou a mão
 Deve ser boi mandingueiro.

O mesmo pode-se dizer do Maracatu. Uma dança afro-brasileira que conta as histórias dos reis africanos, das entidades religiosas, da difícil vida roubada nos

¹¹ Mestre Zé de Vina e o Boi (confeccionado pelo artista plástico Maurício Bonequeiro). Entrevista concedida pelo Mestre Zé de Vina em sua casa em fevereiro de 2015 na cidade de Glória do Goitá – PE.

períodos difíceis da escravidão.¹²

O Boi atravessou o oceano, cruzou as pontes dos folguedos populares e até voou um dia na cidade do Recife. Sim, o Boi Voador foi um episódio que ocorreu durante a ocupação holandesa na cidade do Recife. Apelidada de Veneza Brasileira, a cidade é entrecortada por rios, e passou por um grande processo de urbanização durante a presença do príncipe regente Maurício de Nassau, administrador da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais. A difícil tarefa de construir as pontes que ligam a cidade até hoje foi ironizada pela população local da época. Diziam as más línguas que “era mais fácil um boi voar do que uma ponte terminar de ser construída”. Dito e feito. Maurício de Nassau tomou a tarefa para si, e utilizou dos próprios recursos para terminar a construção. Para obter a um maior número de pedágios na ponte, anunciou que no dia da sua inauguração um boi manso iria voar.

Para tal empreitada, mandou abater e esfolar um boi, e encher-lhe a pele de erva seca, e o colocou encoberto no alto de uma galeria. Fez subir um boi manso ao alto da galeria e, depois de visto pelo grande número de pessoas presentes, mandou-o fechar em um aposento, de onde tiraram o outro couro de boi cheio de palha, e o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, para grande admiração de todos. *Tanta gente passou de uma para outra parte da ponte que, naquela tarde, rendeu mil e oitocentos florins, não pagando cada pessoa mais que duas placas à ida, e duas à vinda* (Calado, 1648). E assim, em comemoração a este episódio, todos os anos na cidade maurícia vêem-se um boi voar.

Do bumba-meu-boi ao Boi-Bumbá – Do Maranhão ao Amazonas, a chegada do boi na Amazônia.

«Viva meu Maranhão com toda a sua fidalguia
Um dos estados brasileiro que o povo tem alegria
Existe educação, respeito e harmonia
Quem visita o Maranhão vem cheio de alegria
Sempre a há de ser abençoada a terra de Gonçalves Dias(...)» *Bumba-meu-boi de Pindaré*

Continuamos a narrar as andanças das brincadeiras de Boi pelo Brasil, em especial sobre a sua presença marcante na região nordeste do Brasil até a sua chegada na região norte, em especial ao médio Amazonas e em Parintins. Foi exatamente

¹² Ver mais em <http://maracatu.org.br>

no Maranhão que as brincadeiras de boi se desenvolveram de forma peculiar no país, tomando dimensões importantes na história da cultura brasileira.

Na estrutura do *Bumba-meu-boi* observamos um misto de sentimentos que contem no interior de uma mesma manifestação cultural forte. Este folguedo transmuta a devoção, crenças e mitos inseridos na história oral dos povos que construíram o Brasil. Eis um verdadeiro espetáculo performativo multicolorido de danças, de música e teatro.

Seguindo o calendário de festividades da Igreja Católica, é durante o Sábado de Aleluia que ocorre o início da temporada por parte dos grupos do *Bumba-meu-boi*, período que se dão os primeiros ensaios e que se estendem até a primeira quinzena do período junino, quando ocorrem os ensaios redondos¹³ no âmbito dos grupos e associações do bumba-meu-boi.

Os espetáculos são organizados em um ciclo dividido em quatro etapas: os ensaios, o batismo, as apresentações públicas e culmina com a “morte” (a morte do Boi). Os grupos do bumba-meu-boi geralmente dispõem do apoio do Governo do Estado e da Prefeitura de São Luís, que por sua vez coordenam essas apresentações no âmbito de suas políticas culturais que ocorrem em Arrais distribuídos em toda cidade: do centro à periferia da capital maranhense e também em casas de particulares, arraiais de Instituições e de entidades públicas e privadas.

As apresentações dos grupos seguem orientadas pelas toadas, o *guarnicê*, também chamada de *reunida*, que são as etapas em que os membros dos grupos de Bumba-meu-boi fazem a preparação para dar início à brincadeira. Os brincantes se agrupam, e em seguida, é feito o aviso de que o grupo sairá para brincar. É dito “boa noite, o boi chegou” e o pedido de licença feito pelo Boi. Ele pede permissão para iniciar sua dança, saúda uma espécie de “louvação do boi” ao dono do espaço no qual se apresentarão e pede assistência. Quando ocorre a encenação do auto, o urrou do boi, o boi ressuscita, e após a ressurreição temos a despedida que marca o fim da apresentação.

Nos últimos anos muitas dessas etapas vêm sendo abandonadas, incluindo-se a apresentação do auto. Segundo pesquisadores do Iphan¹⁴ as toadas de temas livres têm sido substituídas pela abordagem relacionadas a sentimentos, aos elogios, assuntos do cotidiano, tais como a crise econômica e a política local, transformando o brincar de boi das apresentações do bumba-meu-boi em uma espécie de periódico do cotidiano, contada de forma crítica e sarcástica.

¹³ Ensaios gerais: como se chamados os ensaios gerais dos grupos de *bumba meu-boi*.

¹⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia do governo do Brasil, dedicada a preservação do patrimônio do país.

Dentro dos grupos se observa a forte participação da comunidade negra afro-descendente brasileira participando como atores do espetáculo. Assim como as mais diferentes origens profissionais, entre os quais pescadores, trabalhadores rurais e comerciantes. Seja qual for o estilo do *Bumba-meu-boi*, podemos encontrar uma variedade de participantes que vão desde estudantes a servidores públicos. Os grupos de *Bumba-meu-boi* dividem-se em cinco estilos chamados de sotaques: *Boi da ilha*, *boi de matraca*, *de Guimarães ou zabumba*, *de curupu ou de costa-de-mão*.

O que pode se observar é que esse padrão de classificações em estilo apresenta modificações quando se analisa os grupos folclóricos do Bumba-meu-boi de outras áreas do Estado do Maranhão. Quanto mais longe da região que se encontram os estilos (sotaques) consolidados, maiores serão as mudanças nas variedades de instrumentos utilizados, nas indumentárias e nas formas de se brincar o boi. Isso ocorre nos grupos de Bumba-meu-boi nas regiões de Caxias, de Gurupi e Alto Mearim, Grajaú, Bacabal, Baixo Parnaíba e na região dos Lençóis Maranhenses. Todos possuem formas distintas de brincar de boi, se comparadas com os grupos da capital maranhense.

Pesquisadores do Bumba-meu-boi maranhense ligados a uma escola mais tradicionalista que se dedica a investigar esta manifestação cultural classifica tais grupos contemporâneos como sendo agremiações do parafolclore, por serem inspirados nos grupos tradicionais. Apresentam uma diferenciação em sua estrutura de apresentação, pois sua narrativa e suas formas de fazer a brincadeira fogem das formas apresentadas pelos grupos mais consagrados: São eles os *bois de promessa*, *bois de verão*, *bois de carnaval*, e os grupos que fazem a releitura dos bumba-meu-boi tradicionais, os chamados *Bois de encantado*, e *bois de terreiro* que estão diretamente associados a religiões de matriz africana no Maranhão.

«Meu boi de pano
É Cultura Popular
Atravessou o Oceano
Veio de longe pra cá
Bumba meu boi, meu boi bumbá
Meu boi de reis, boi de mamão
Boi de matraca, boi do norte
Boi de orquestra, folião
Meu boi bumbá do São José
Boi Garantido Campeão
Boi de Lindolfo Monteverde
Boi do amor e da paixão [...]»
Toada Meu Boi de Pano,
Boi Bumbá Garantido, 2001.

E o brincar de boi chega à Amazônia Brasileira, em especial no escopo que iremos abordar o brincar de boi-bumbá no médio Amazonas que compreende os estados do Pará e do Amazonas, em uma atenção especial o município de Parintins. O Boi traz consigo toda a mais variada diversidade cultural, suas influências que a sua própria história transporta, e na Amazônia isso não seria diferente. Além das influências externas, suas adaptações e adequações a peculiaridades locais que enriqueceram ainda mais esse grande complexo cultural mundial que é a cultura do boi, enquanto personagem da história, analisado, cultuado, estudado, homenageado por diversas civilizações no decorrer da história do mundo.

Há quem diga que as tradições do folguedo ou da brincadeira do Boi teriam aportado na Amazônia por meio das primeiras missões da Companhia de Jesus (Jesuítas) em suas missões de catequeses e evangelização durante o século XVII em vistas de retornar as tradições presentes existentes na região do Mediterrâneo europeu, adicionando-as características das culturas indígenas e africanas.

Em seu período migratório, com o advento da exploração das seringueiras e da produção da borracha, essas manifestações da brincadeira do Boi também tiveram referências de outras regiões do país, em especial das oriundas do nordeste brasileiro.

No Pará, o Boi-bumbá é uma das manifestações populares mais antigas. Tais manifestações são mantidas a partir das práticas de vários grupos na cidade, que muito se assemelham a sua congênere no vizinho Estado do Maranhão. Entre eles está o grupo de Boi-bumbá *Flor do Guamá* que está ativo há mais de trinta anos ininterruptamente.

Apresenta-se no Médio Amazonas e em Parintins características distintas dos demais grupos de brincar de boi do Brasil. Embora possam existir elementos em comum na representação cultural, as peculiaridades locais são visíveis e devem ser elencadas.

Na Amazônia, o *Boi de Terreiro*, também vigente em outras áreas do país, incluindo o Maranhão, apresenta o tema da morte e da ressurreição do animal e traz, em sua estrutura, um ritual em quatro elementos.

O rito de chegada; o rito de evolução; o rito da despedida; e por último, rito de matança. Embora se assemelhe ao brincar de Boi, contida no Boi de Rua dos grupos de Bumba-meu-boi no Maranhão, que, por sua vez. Este se diferencia por ser em locais públicos, fixos, com a interação com as pessoas que ali passam e com os moradores, que oferecem ao dono do Boi e aos brincantes algum tipo de agrado.

A presença dessas manifestações culturais está tão arraigada na história da

população brasileira, que nem este co-autor que vos escreve, ficou de fora. Podemos perceber no relato do meu pai, José Maria de Castro Santana, no período em que esteve a residir em Parintins, no Amazonas, a exercer as funções de médico e administrador de campus universitário nos anos 70:

[...] Lembro-me quando eles saíam... E ainda o fazem em algumas localidades, saíam para as ruas e paravam em algumas determinadas Residências. Faziam exhibições. Apresentavam os personagens e às vezes solicitavam ajuda para fazer o seu Festival. Para fazer o célebre churrasco do Boi.. Ou ajuda em forma de recepção para os brincantes... Assim... Tipo bebidas... bolo e doces... E petiscos para os brincantes etc.. Pelo que eu ainda me lembro, esse era o costume. Na época era assim o ritual de representação do Boi de Pano... Feitas para a Cidade e para as “ditas” autoridades da época de Parintins.

Na Amazônia brasileira se observa em associação aos Festivais Folclóricos da região, o surgimento do que se denomina de *Boi de Arena*. Trata-se da modalidade do folguedo que fora estabelecida em Parintins, no Amazonas.

Na cidade de Parintins passou a ter um local em que se realizam as manifestações culturais. Esta arena é chamada de Bumbódromo. Curiosamente recebeu este nome em alusão ao sambódromo, o local onde ocorrem na cidade do Rio de Janeiro os desfiles das agremiações de Escola de Samba durante o Carnaval. Nesta arena, o Bumbódromo, ocorre a disputa de duas agremiações do Boi-Bumbá, o boi vermelho *Garantido* e o boi azul *Caprichoso*. As agremiações ocorrem em três dias: 28, 29 e 30 de junho que se revezam em apresentações, competindo naquele espaço cênico um verdadeiro espetáculo a céu aberto, enquanto um corpo de jurados e o público observam de perto a evolução de toda aquela narrativa de culto ao boi.

O Boi Garantido e sua breve história

Nascido em 1913 pelas mãos do senhor Lindolfo Monteverde, conta a história narrada pelos seus descendentes e pela própria agremiação, que ainda criança, Seu Lindolfo era fascinado pelas histórias que seu avô que era nordestino, nascido no Maranhão lhe contava. A que mais lhe encantava, dizem os mais idosos seria a do relato de um Boi alegre, brincalhão e animado. De fato, isto permaneceu na imaginação do jovem Lindolfo Monteverde de tal forma, que já na vida adulta ele viria a criar uma armação, cobrindo-a com um pano e saindo às ruas, brincando com o seu “Boi-Bumbá” há mais de 100 anos atrás na cidade de Parintins.

Conta a história oral dos parintinenses, que durante a época em que Lindol-

fo Monteverde servia ao exército, Lindolfo ainda jovem, havia adoecido. Em vistas de recuperar a saúde, fizera uma promessa a São João Batista. Prometera que, se voltasse a ficar bom, seu “Boi” jamais deixaria de sair às ruas, pelo tempo que ele vivesse.

O Boi *Garantido* foi criado com as cores branco e com o coração vermelho. Conta a história oral que passa dos mais velhos aos mais novos na cidade de Parintins que o seu nome deriva das primeiras brigas entre os “brincantes” de Boi-Bumbá. O chifre do “Boi contrário” (como o boi define o seu adversário) teria caído e o Sr. Lindolfo, como bom repentista que era, em sua ascendência nordestina, entoa as palavras: *“nosso Boi sempre sai inteiro. Isso é Garantido!”*.

A outra versão muito contada na cidade, sobretudo pelos mais idosos, é de que a história do nome teria partido de outro repentista, que o desafia: *“Este ano, se cuide, que eu vou caprichar no meu “Boi”*. Mestre Lindolfo então teria dito em oposição: *“Pois capriche no seu, que eu “garantô” o meu!”*“.

O Boi Caprichoso e sua breve história

Representando o lado azul dos Bois-Bumbás parintinenses, o Boi Caprichoso, igualmente nascido em 1913, teria sido fundado pelos irmãos Cid, que haviam morado em Parintins com a esperança de melhorias de vida. Reza a lenda local que ambos teriam feito promessas a São João Batista. Os mesmos ofereceram um “Boi” feito de pano ao Santo.

O nome Caprichoso, diz os mais idosos na ilha tupinambarana¹⁵, teria sido adotado devido um caráter intrínseco. Por ser uma agremiação feita por seus brincantes, por pessoas caprichosas, cujo sufixo “oso”, significa provido ou cheio de. Quando somados a “capricho” mais “oso”, poder-se-ia dizer que seria um boi extravagante e primoroso em sua arte.

No ano de 2018, as manifestações culturais do boi na região amazônica passaram a ser reconhecidas pela autoridade brasileira como Patrimônio Imaterial do Brasil – recebendo da presidência da República Federativa do Brasil. Sendo assim, as manifestações folclóricas do Boi-Bumbá de Parintins, tal e qual a sua vertente nordestina, é considerado oficialmente um Complexo Cultural a ser protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para encerrar, uma loa de boi que termina a brincadeira:

¹⁵ Ilha tupinambarana é o apelido da cidade de Parintins, por ser uma ilha, e demais ilhas nas proximidades geográficas da mesma levam o topônimo “Tupinambarana” trata-se de uma referência aos antigos habitantes do arquipélago, os índios tupinambaranas.

Boa noite meu povo que vieram aqui me ver
Com esta brincadeira, trazendo grande prazer
Saldo grandes e pequenos, este é o meu dever
Sai pra cantar boi bonito pro povo ver
São João mandou, é pra mim fazer
É de minha obrigação eu amostrar o meu saber

Toada “Urrou do Boi”
Coxinho – Bumba-meu-boi de Pindaré,
São Luiz, MA, Brasil.

Referências

ALCURE, Adriana Schneider. *A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do Mamulengo*. Tese/doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. 2007.

AMARAL, Ana Maria. (1993). *Teatro de Formas Animadas: máscaras, bonecos, objetos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____. *Teatro de bonecos no Brasil*. (1994). São Paulo: COM-ARTE.

_____. *O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos*. (2004). São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

_____. *Teatro de Animação da Teoria à Prática*. (1977). São Caetano do Sul: Ateliê Editorial.

BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e espírito do Mamulengo*. Rio de Janeiro: INACEN. 1987.

CALADO, Frei Manoel. *O Valoroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*. Recife: FUNDARPE, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. (1972). *Visão do Folclore Nordestino*. *Revista de Etnografia*. Junta Distrital do Porto, p. 69-70.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. (2002). Rio de Janeiro: Ediouro.

FLORIANO, Raimundo. *Urrou do Boi*. Consultado em fevereiro 14, 2019 em <http://www.raimundofloriano.com.br> 2015.

NETO, Quaresma. *Joel e o boi mandigueiro*. Consultado em fevereiro 12, 2019, em <http://www.projetocordel.com.br/> 2015.

PAVIS, Patrice. (1999). Dicionário de teatro. São Paulo: Perspectiva.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. (1971). O mundo mágico de João Redondo. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Ministério da Educação e Cultura.

SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. (1979). Mamulengo: um povo em forma de bonecos. Rio de Janeiro: Funarte.

SIGAUD, Lygia. (1977). Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. Tese/Doutorado. São Paulo: USP.

Artigo recebido em 31/05/2019, aprovado em 10/07/2019.